

A Construção Social e Cultural do Risco Sexual, ou Como Fazer Pesquisa (em Sexualidade) em uma Epidemia

RICHARD G. PARKER *

Há mais de uma década, a propagação incontrolada do HIV/AIDS em todo o mundo vem evidenciando, de maneira dolorosa, a nossa profunda ignorância a respeito da sexualidade humana. A falta de incentivos à pesquisa sobre comportamento sexual que, conseqüentemente, leva à quase total ausência de compreensão a respeito da complexidade e diversidade da expressão sexual, tem praticamente inviabilizado uma reação ao avanço da AIDS. A ausência de uma tradição em teoria e métodos mais amplamente desenvolvida para realizar pesquisas sobre a sexualidade tem restringido o desenvolvimento de novos estudos, proporcionando aos pesquisadores da AIDS poucos fundamentos para uma avaliação das práticas sexuais que levam à disseminação do HIV, e tem limitado a capacidade dos pesquisadores de contribuir significativamente para o delineamento de estratégias mais eficazes de prevenção à AIDS.¹

* Prof. Adjunto do Instituto de Medicina Social da UERJ.

1. Ver, por exemplo, as discussões em P. R. Abramson, "Sexual Assessment and the Epidemiology of AIDS", *The Journal of Sex Research*, nº 25, 1988, pp. 323-46; "Sexual Science: Emerging Discipline or Oxymoron?", *The Journal of Sex Research*, nº 27, 1990, pp. 147-65; e "Sex, Lies, and Ethnography", in G. Herdt e S. Lindenbaum, eds., *The Time of AIDS: Social Analysis, Theory, and Method*, Newbury Park, CA, Sage Publications, 1992; P. R. Abramson e G. Herdt, "The Assessment of Sexual Practices Relevant to the Transmission of AIDS: A Global Perspective", *Journal of Sex Research*, nº 27, 1990, pp. 215-32; A. Chouinard e J. Alibert, eds., *Human Sexuality: Research Perspectives in a World Facing AIDS*, Ottawa, IRDC, 1990; J. H. Gagnon, "Sex Research and Sexual Conduct in the Era of AIDS", *Journal of Acquired Immune Deficiency Syndromes*, nº 1, 1988, pp. 593-601; G. Herdt e S. Lindenbaum, eds., *The Time of... , op. cit.*; R. G. Parker, "Sexual

Esses pontos certamente não são novidade. Pelo contrário, preocupações semelhantes já foram expressas por outros autores.² No entanto, como a epidemia de HIV/AIDS (ou melhor, epidemias)³ continua a ganhar força, aparentemente escapando da maioria de nossos esforços para contê-la (e também dos modelos conceituais que temos construído para entendê-la), as nossas limitações em compreender a sexualidade e o risco sexual em face do HIV/AIDS levam à proposição de uma série de questões relativas à teoria, aos métodos e aos procedimentos. Mais que qualquer outra coisa, talvez devamos enfrentar a necessidade urgente de repensar os modelos que até agora têm orientado as estratégias de combate à AIDS. Neste artigo, tento esboçar o que considero ser algumas das principais tendências que caracterizaram a pesquisa sobre a sexualidade em relação ao HIV/AIDS ao longo da década passada. Meu objetivo é examinar criticamente o desenvolvimento da pesquisa sobre o comportamento sexual durante esse período, buscando identificar alguns dos problemas básicos que podem ter dificultado visões mais esclarecedoras do que aquelas que propiciou, e que no futuro vão continuar a limitar nossa compreensão se não formos capazes de lhes dar uma resposta imediata.

Ao revisar o desenvolvimento da pesquisa sobre a sexualidade em relação ao HIV/AIDS nos anos 80, encontrei pelo menos dois problemas importantes que merecem consideração especial: (1) as limitações fundamentais dos paradigmas teóricos e metodológicos dominantes que têm sido utilizados nas pesquisas; e (2) as limitações igualmente fundamentais da agenda de pesquisa que tem orientado o estudo do comportamento sexual em relação ao HIV/AIDS. Sem dúvida, essas questões estão intimamente relacionadas, pois é quase certo que a falta de desenvolvimento teórico e metodológico esteja associada à incapacidade de definir uma agenda de pesquisa mais significativa, e vice-versa. No entanto, gostaria de examinar brevemente cada uma dessas questões em separado, na tentativa de identificar alguns dos problemas que elas já suscitaram

Cultural Analysis, and AIDS Education in Brazil", in G. Herdt e S. Lindenbaum, eds., *The Time of...*, op. cit.; R. G. Parker e M. Carballo, "Qualitative Research on Gay and Bisexual Behaviour Relevant to HIV/AIDS", *Journal of Sex Research*, nº 27, 1990, pp. 497-525; R. G. Parker, G. Herdt e M. Carballo, "Sexual Culture, HIV Transmission, and AIDS Research", *Journal of Sex Research*, nº 28, 1991, pp. 77-98; C. F. Turner, H. G. Miller e L. E. Moses, *AIDS, Sexual Behaviour, and Intravenous Drug Use*, Washington, D.C., National Academy Press, 1989; *AIDS: The Second Decade*, Washington, D.C., National Academy Press, 1990.

2. Ver, por exemplo, R. Bolton, "Mapping Terra Incognita: Sex Research for AIDS Prevention - An Urgent Agenda for the 1990s", in G. Herdt e S. Lindenbaum, eds., *The Time of...*, op. cit.; G. Herdt, "Introduction", in G. Herdt e S. Lindenbaum, eds., *The Time of...*, op. cit.
3. Ver J. H. Gagnon, "Epidemics and Researchers: AIDS and the Practice of Social Studies", in G. Herdt e S. Lindenbaum, eds., *The Time of...*, op. cit.

com respeito à pesquisa sobre o comportamento sexual em relação à AIDS, e também com a finalidade de utilizá-las como ponto de partida para refletir sobre atividades de pesquisa mais eficazes no futuro.

Teoria, naturalismo sexual e a construção do significado

Muito se tem discutido sobre a falta de dados básicos sobre a sexualidade humana e sobre a necessidade urgente de se fazer uma coleta de dados sobre comportamentos sexuais que podem estar ligados à transmissão do HIV.⁴ No entanto, tem-se dado pouca atenção às sérias limitações dos paradigmas teóricos e metodológicos dominantes que têm sido empregados para realizar essas pesquisas.⁵ A meu ver, as limitações desses paradigmas são mais evidentes no plano teórico, uma vez que a pesquisa do comportamento sexual em relação à AIDS quase nunca foi orientada por uma “teoria do comportamento sexual”. Na verdade, na maioria dos casos, não foi orientada por teoria alguma — a ênfase tem recaído sobre a necessidade urgente de se colher dados descritivos (como os estudos sobre conhecimento, atitudes e práticas [CAP]), pois aparentemente nutrimos a esperança de que basta reunir uma quantidade suficiente de informações para que as intuições teóricas surjam. Quando, ocasionalmente, se invoca uma estrutura teórica para conceituar o comportamento sexual, ela é, na melhor das hipóteses, mínima — geralmente a conceituação do desejo sexual como uma pulsão humana básica, mas uma pulsão moldada de forma um pouco diferente em distintos cenários sociais e culturais, devendo, portanto, ser descrita assim como ela se manifesta nesses cenários.⁶

Essa ausência de desenvolvimento teórico certamente não é nova na pesquisa da AIDS. Pelo contrário, é, em grande parte, o resultado da tradição específica da pesquisa sobre sexualidade que foi incorporada à área de Saúde Pública de forma mais geral (e, com isso, ao estudo do comportamento sexual com respeito ao HIV/AIDS, em particular), o que tem sido descrito como uma espécie de

4. Ver, por exemplo, A. Chouinard e J. Albert, eds., *Human Sexuality...*, *op. cit.*; C. F. Turner, H. G. Miller e L. E. Moses, *AIDS, Sexual Behaviour...*, *op. cit.*; *AIDS: The Second...*, *op. cit.*

5. Ver P. R. Abramson, “Sex, Lies...”, *op. cit.*; P. R. Abramson e G. Herdt, “The Assessment of...”, *op. cit.*; R. Bolton, “Mapping Terra...”, *op. cit.*; R. G. Parker e M. Carballo, “Qualitative Research...”, *op. cit.*; R. G. Parker, G. Herdt e M. Carballo, “Sexual Culture...”, *op. cit.*

6. Ver, por exemplo, WHO/GPA/SBR, *Survey of Partner Relations: Research Package*, Genebra, World Health Organization, 1989; M. Carballo *et alii*, “A Cross-National Study of Patterns of Sexual Behaviour”, *Journal of Sex Research*, n° 26, 1989, pp. 287-99.

“modernismo sexual”, que vai dos primeiros estudiosos como Havelock Ellis, passando por Kinsey e seus colegas, até os sexólogos mais atuais como Masters e Johnson.⁷ Aparecendo, sob muitos aspectos, como uma resposta à censura moral da sociedade e da ciência vitorianas, o foco básico dessa tradição tem sido uma tentativa de “desmitificar” e, em particular, “naturalizar” o comportamento sexual humano — uma tentativa de descrever, tão exaustivamente quanto possível, as formas de expressão sexual que existem “naturalmente”.⁸

A importância dessa perspectiva não deve ser subestimada, pois ela é a principal responsável, particularmente depois dos trabalhos de Kinsey e seus colegas, pela abertura do campo do comportamento sexual como objeto de investigação científica, deixando de ser domínio da religião ou da moralidade.⁹ Ao mesmo tempo, seu legado, especialmente da forma como tem sido incorporado ao campo da Saúde Pública (e, por extensão, à grande maioria das pesquisas sobre AIDS), é claramente problemático — uma espécie de extremo empirismo, que, na ausência de uma teoria mais convincente para a explicação da sexualidade humana e da diversidade sexual, tem se dedicado quase que exclusivamente a registrar frequências de comportamentos em grupos específicos da população (especialmente naqueles de “alto risco”, como os homens *gays* ou as prostitutas, embora também, cada vez mais, na nebulosa população “geral”).

Ao longo de várias décadas, a tendência do trabalho realizado em diversas disciplinas tem sido a de questionar cada vez mais essa visão naturalista, focalizando o que se tem descrito como a “construção social e cultural” da conduta sexual.¹⁰ Em áreas como Antropologia Cultural, Sociologia, Psicologia Social e História, a atenção tem se voltado cada vez mais para as forças sociais, culturais e econômicas que moldam o comportamento sexual em ambientes diferentes, e também para os significados complexos que tanto os indivíduos como os grupos sociais associam à experiência sexual.¹¹ Entretanto,

7. Ver P. Robinson, *The Modernization of Sex*, Nova Iorque, Harper, 1976.

8. *Idem.* ver. também, J. Weeks, *Sex, Politics, and Society: The Regulation of Sexuality since 1800*, Nova Iorque, Longman, 1981; *Sexuality and its Discontents: Meanings, Myths, and Modern Sexualities*, Londres, Routledge & Kegan Paul, 1985; e *Sexuality*, Londres, Tavistock, 1986.

9. Ver P. Robinson, *The Modernization of...*, *op. cit.*; C. F. Turner, H. G. Miller e L. E. Moses, *AIDS, Sexual Behaviour...*, *op. cit.*

10. Ver, por exemplo, J. H. Gagnon, *Human Sexualities*, Glenview, IL, Scott Foresman, 1977; G. Rubin, “Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality”, in C. Vance, ed., *Pleasure and Danger*, Boston, Routledge & Kegan Paul, 1984; J. Weeks, *Sexuality and its...*, *op. cit.*

11. Ver, por exemplo, J. H. Gagnon e W. Simon, *Sexual Conduct: The Social Sources of Human Sexuality*, Chicago, Aldine, 1973; G. Herdt e R. Stoller, *Intimate Communications: Erotics and the Study of Culture*, Nova Iorque, Columbia University Press, 1990; R. G. Parker, *Corpos, Prazeres e Paixões: A Cultura Sexual no Brasil Contemporâneo*, São Paulo, Editora Best-Seller, 1991; J. Weeks, *Sex, Politics, and...*, *op. cit.*; *Sexuality and its...*, *op. cit.*; e *Sexuality...*, *op. cit.*

o impacto desses desenvolvimentos tem sido, em geral, muito limitado, particularmente no contexto da Saúde Pública e das ciências da saúde (que ainda são, em grande parte, um domínio da profissão médica, e não dos cientistas sociais), e uma abordagem mais naturalista, apesar de suas limitações teóricas, continua a dominar uma porção considerável da discussão sobre comportamento e saúde sexuais.

Essa ausência significativa de desenvolvimento teórico (mais uma vez, especialmente nas ciências da saúde) resulta em uma relativa pobreza de estruturas conceituais em grande parte da pesquisa sobre comportamento sexual em relação ao HIV/AIDS. O desejo sexual tem sido usualmente tratado como uma espécie de dado natural, e os fatores sociais e culturais que moldam a experiência sexual em cenários diferentes são normalmente ignorados, mesmo quando se chama a atenção para a sua potencial relevância. Seguindo a tendência dominante em grande parte da pesquisa sobre comportamento sanitário, o enfoque tem recaído, sobretudo, nos determinantes individuais do comportamento sexual e da mudança comportamental. Já as estruturas sociais, culturais, econômicas e políticas, que potencialmente influenciam ou até mesmo moldam a experiência sexual, têm sido, com bastante frequência, ignoradas. Uma série de perspectivas teóricas baseadas em premissas bem distintas (e sugerindo, portanto, uma leitura muito diferente dos fatores que moldam a conduta sexual) encontram-se ausentes no campo da pesquisa sobre a AIDS, e as múltiplas intuições que essas perspectivas poderiam oferecer raramente são incorporadas aos resultados da mesma.¹²

Várias limitações metodológicas podem ser associadas às limitações teóricas acima descritas — mais uma vez comprometendo seriamente a qualidade das pesquisas sobre comportamento sexual que têm sido realizadas para tentar responder às questões relacionadas à AIDS. Ao longo do tempo, o foco dominante tem se concentrado na utilização de métodos de levantamentos (mais uma herança de Kinsey e seus colegas), e a questão-chave que se enfrenta para o delineamento da pesquisa é, quase inevitavelmente, a maneira de tornar esses métodos mais eficientes e adequados aos diferentes contextos em que a pesquisa sobre a AIDS é realizada — em países subdesenvolvidos, por exemplo, ou entre populações-alvo difíceis de serem definidas, como homens homossexuais ou usuários de drogas intravenosas etc.¹³

12. Ver. P. R. Abramson e G. Herdt, "The Assessment of...", *op. cit.*; R. Bolton, "Mapping Terra...", *op. cit.*; R. G. Parker, G. Herdt e M. Carballo, "Sexual Culture, HIV...", *op. cit.*

13. Ver C. F. Turner, H. G. Miller e L. E. Moses, *AIDS, Sexual Behaviour...*, *op. cit.*; e *AIDS: The Second...*, *op. cit.*

Essa abordagem tem se encaixado bastante bem na estrutura de uma agenda de pesquisa definida em termos de questões epidemiológicas, por exemplo, ou de modelos psicológicos de mudança comportamental. Registrar a frequência de atos sexuais, se realizado com eficiência, pode evidentemente propiciar intuições importantes a respeito do curso da epidemia do HIV/AIDS em ambientes específicos. De forma bastante semelhante, dependendo dos pressupostos assumidos, medir os indicadores psicossociais pode esclarecer sobre a predisposição para a redução do risco. Entretanto, essas estruturas, assim como a abordagem metodológica que delas deriva, têm se revelado um meio frágil de se obter uma compreensão multidimensional e, portanto, mais ampla do comportamento sexual em termos mais gerais. Isto, por sua vez, tem trazido sérias conseqüências, especialmente quando se procura passar das questões epidemiológicas básicas para aquelas que devem ser enfrentadas quando se tem de intervir por meio da educação e de atividades que promovem a saúde.¹⁴

Na verdade, ao se refletir sobre as questões complexas que estão envolvidas na prevenção da AIDS, não resta dúvida de que o importante não é apenas descobrir a frequência de um dado comportamento. Os significados subjetivos (psicológicos) e intersubjetivos (sociais e culturais) a ele associados podem ser muito mais relevantes.¹⁵ A construção social da excitação e do desejo sexuais, as maneiras pelas quais as identidades sexuais são formadas e transformadas, as relações de poder e dominação que podem moldar e estruturar as interações sexuais, e as redes sociais/sexuais que canalizam e condicionam a seleção de potenciais parceiros sexuais, todos esses itens são valiosos e devem ser levados em consideração no desenvolvimento de estratégias mais eficazes para a prevenção da AIDS. Entretanto, na medida em que a pesquisa do comportamento sexual em relação à AIDS tem se fechado para estruturas teóricas mais amplas, ela também se fecha, pelo menos em parte, para várias abordagens metodológicas potencialmente úteis que poderiam levar a visões novas sobre essas questões, como, por exemplo, abordagens etnográficas, análises lingüísticas etc.¹⁶

-
14. Ver, em particular, R. Bolton, "Mapping Terra...", *op. cit.*; R. G. Parker, "Sexual Diversity...", *op. cit.*; R. G. Parker e M. Carballo, "Qualitative Research...", *op. cit.*; R. G. Parker, G. Herdt e M. Carballo, "Sexual Culture...", *op. cit.*; B. O. de Zalduondo, "Prostitution Viewed Cross-Culturally: Toward Re-Contextualizing Sex Work in AIDS Intervention Research", *Journal of Sex Research*, nº 28, 1991, pp. 223-48.
 15. Ver R. G. Parker, "Sexual Diversity...", *op. cit.*; R. G. Parker e M. Carballo, "Qualitative Research...", *op. cit.*; R. G. Parker, G. Herdt e M. Carballo, "Sexual Culture...", *op. cit.*; B. O. de Zalduondo, "Prostitution Viewed...", *op. cit.*
 16. Ver, por exemplo, R. Bolton, "Mapping Terra...", *op. cit.*; J. M. Carrier e R. Magaña, "Use of Ethnosexual Data on Men of Mexican Origin for HIV/AIDS Prevention Programs", *Journal of*

Prioridades de pesquisa, dinheiro e poder

A falta de desenvolvimento teórico e metodológico, que caracteriza grande parte da pesquisa sobre comportamento sexual realizada durante a primeira década da epidemia da AIDS, tem sido visivelmente exagerada ou agravada pela ausência de um planejamento mais sistemático, ou por não se conseguir articular uma agenda de investigação coerente que oriente ou conduza as atividades de pesquisa a longo prazo dentro de uma estrutura nacional ou global.¹⁷ A comunidade que estuda a AIDS, em geral, e os pesquisadores da sexualidade, em particular, não têm sido capazes de definir e implementar uma agenda de trabalho mais abrangente sobre o universo do comportamento sexual e da diversidade sexual que nos permita estar um passo à frente em relação à epidemia, em lugar de simplesmente seguir no seu encaixo. Como essa agenda não existe, a tendência dos formuladores de políticas e também dos órgãos financiadores é mudar suas demandas tão rapidamente que a pesquisa comportamental sobre a sexualidade (ou sobre qualquer outro tópico) não consegue acompanhá-las. Assim, a ênfase na pesquisa descritiva é cada vez mais substituída por um foco sobre a pesquisa de intervenção (na minha opinião, pelo menos, um desenvolvimento em geral positivo). A atenção da pesquisa para com certos grupos sociais (como os homens *gays*) cede lugar a um foco sobre outros grupos (como mulheres heterossexuais) — de novo, às vezes, por boas razões. No entanto, essas mudanças ocorrem sem que se promova qualquer tipo de estruturação mais ampla a respeito das questões de pesquisa a longo prazo que devem ser enfrentadas no estudo da sexualidade.

Mudanças de direção são certamente esperadas no desenvolvimento da pesquisa social em qualquer área. Entretanto, no caso da pesquisa sobre comportamento sexual dentro do contexto de pandemia internacional da AIDS, a ausência de uma agenda de pesquisa mais ampla, desenvolvida em âmbito global, tem freqüentemente acarretado a falta de um desenvolvimento mais consistente de pesquisa, o que provoca o abandono de trabalhos que mal começaram, ou a incapacidade de implementar estudos que não se adaptam aos

Sex Research, nº 28, 1991, pp. 189-202; G. Herdt, "Introduction", in G. Herdt e S. Lindenbaum, eds., *The Time of...* *op. cit.*; G. Herdt, W. L. Leap e M. Sovine, "Introduction: Anthropology, Sexuality, and AIDS", *Journal of Sex Research*, nº 28, 1991, pp. 167-9; G. Herdt e A. Boxer, "Ethnographic Issues in the Study of AIDS", *Journal of Sex Research*, nº 28, 1991, pp. 171-87; R. G. Parker, "Sexual Diversity...", *op. cit.*; R. G. Parker e M. Carballo, "Qualitative Research...", *op. cit.*; R. G. Parker, G. Herdt e M. Carballo, "Sexual Culture...", *op. cit.*; B. O. de Zalduendo, "Prostitution Viewed...", *op. cit.*

17. Ver J. M. Mann, D. J. M. Tarantola e T. W. Netter, orgs., *A AIDS no Mundo*, Rio de Janeiro, ABIA/IMS-UERJ/Editora Rêfume-Dumará, 1993.

modelos vigentes na época. Há poucos anos, era virtualmente impossível encontrar financiamento para estudos de questões obviamente importantes como o comportamento sexual das mulheres e sua relação com o HIV/AIDS. Hoje é igualmente ou até mais difícil encontrar financiamento para estudos sobre a homossexualidade, que aparentemente são considerados ultrapassados. As limitações implícitas nessas visões tão míopes são muito evidentes e representam uma séria ameaça à nossa capacidade de desenvolver uma compreensão de mais longo prazo sobre a pandemia internacional da AIDS. Globalmente, em um mundo no qual as prioridades de pesquisa são muitas vezes estabelecidas longe dos locais onde ela será realizada, os resultados dessas disparidades podem levar a uma distorção fundamental da realidade. Poder-se-ia citar, como exemplo, o fato de mudanças notificadas no comportamento *gay* e bissexual em São Francisco ou Amsterdã terem sido utilizadas para sugerir que seria desnecessário investigar questões de mudanças de comportamento sexual de pessoas do mesmo sexo no Rio de Janeiro, em Bangcoc, na Cidade do México, em Lagos, e assim por diante. Essa é a realidade, apesar de estudos preliminares das interações de pessoas do mesmo sexo em cada um desses locais terem deixado claro que a homossexualidade é ali estruturada, organizada e vivenciada de maneira profundamente diferente da que se verifica nas comunidades *gays* da Europa Ocidental ou dos Estados Unidos, e de o curso da epidemia de HIV/AIDS nesses lugares ter demonstrado várias diferenças importantes, quando comparado com o do Ocidente industrializado.¹⁸

Em última análise, além das limitações dos modelos teóricos e metodológicos existentes para o estudo do comportamento sexual em relação ao HIV/AIDS, a falta de uma agenda de pesquisa significativa, desenvolvida dentro de uma estrutura global, tornou quase impossível a elaboração de um conjunto de prioridades de pesquisa coerente e consistente. Assim, durante toda a década passada, a investigação sobre o comportamento sexual em relação à AIDS viu-se diante da pressão peculiarmente intensa de prioridades que mudavam com muita rapidez, e que levavam as atividades de pesquisa sobre comportamento sexual a ficarem sistematicamente em segundo plano, com respeito à identificação dos “pontos quentes” epidemiológicos. Na pressa de

18. Ver H. Daniel e R. Parker, *Sexuality, Politics, and AIDS in Brazil*. Londres, The Falmer Press, 1993; S. Werasit, T. Brown e V. Surapone, “Patterns of Bisexuality in Thailand”, in R. Tielman, M. Carballo e A. Hendricks, eds., *Bisexuality and HIV/AIDS*, Buffalo, NY, Prometheus Books, 1991; L. García *et alii*, “Bisexuality in Mexico: Current Perspectives”, in R. Tielman, M. Carballo e A. Hendricks, eds., *Bisexuality and... op. cit.*; T. A. Aina, “Patterns of Bisexuality in Sub-Saharan Africa”, in R. Tielman, M. Carballo e A. Hendricks, eds., *Bisexuality and... op. cit.*

responder às questões-chave que estavam sendo suscitadas pela epidemiologia da AIDS, os primeiros estudos sobre o comportamento *gay* e bissexual (como os *Multicenter AIDS Cohort Studies*, realizados nos Estados Unidos, ou, mais tarde, os *Homosexual Response Studies*, subvencionados pela OMS/PGA em diversos países desenvolvidos e subdesenvolvidos) foram iniciados muito rapidamente. Mais tarde, quando começou a mudar a nossa percepção a respeito da forma e do tamanho potenciais da epidemia, também mudou a nossa compreensão das áreas tóxicas que deviam ser levadas em consideração — seguiram-se, gradativamente, estudos sobre o comportamento heterossexual na assim chamada população geral, sobre as práticas sexuais das mulheres e assim por diante.¹⁹ Em geral, porém, são as notificações dos casos de AIDS e, em menor escala, as taxas de ocorrência dos soropositivos, combinadas com nossas percepções às vezes distorcidas dessas questões — em lugar de uma agenda de pesquisa claramente elaborada, teórica e metodologicamente fundamentada —, que irão definir as prioridades de pesquisa e intervenção (as pesquisas sobre comportamento sexual, com raras exceções, tendem a oferecer orientação inexpressiva na hora de apontar a direção da investigação epidemiológica).

Dos modelos epidemiológicos à prevenção da AIDS

Considerando-se esses fatos, talvez seja especialmente digno de nota que uma das poucas (e possíveis) exceções à regra seja o trabalho etnográfico realizado durante a década passada sobre a AIDS. É sintomático que os estudos etnográficos sobre os significados da sexualidade tenham sido fundamentais para o questionamento da hegemonia das categorias epidemiológicas, quando demonstraram a relevância, não só para a prevenção, mas também para os propósitos epidemiológicos, de grupos tais como o de homens que fazem sexo com homens, o das trabalhadoras do sexo e o das parceiras dos usuários de drogas injetáveis.²⁰ A pesquisa etnográfica, preocupada com as nuances do conhecimento local, com as particularidades sociais e culturais da experiência

19. Ver A. Choinard e J. Albert, eds., *Human Sexuality...*, *op. cit.*; C. F. Turner, H. G. Miller e L. E. Moses, *AIDS, Sexual Behaviour...*, *op. cit.*

20. Ver, por exemplo, J. M. Carrier e R. Magaña, "Use of Ethnosexual...", *op. cit.*; S. Kane, "AIDS, Addiction, and Condom Use: Sources of Sexual Risk for Heterosexual Women", *Journal of Sex Research*, vol. 27, nº 3, 1990, pp. 427-44; "Heterosexuals, AIDS, and the Heroin Subculture", *Social Science and Medicine*, vol. 32, nº 9, 1991, pp. 1037-50; S. Kane e T. Mason, "HIV Drug User's and 'Sex Partners': The Limits of Epidemiological Categories and the Ethnography of Risk", in G. Herdt e S. Lindenbaum, eds., *The Time of...*, *op. cit.*; R. G. Parker, "Acquired Immunodeficiency Syndrome in Urban Brazil", *Medical Anthropology Quarterly*, vol. 1, nº 2, 1987, pp. 155-75; B. O. de Zalduondo, "Prostitution Viewed...", *op. cit.*

sexual e com as complexas redes de poder que não só condicionam a disseminação do HIV, como a forma de os sistemas sociais reagirem à AIDS,²¹ desenvolveu, na verdade, um dos poucos corpos de conhecimentos que parecem propiciar visões esclarecedoras que podem orientar a investigação epidemiológica em diferentes ambientes, deixando de ser simplesmente arrastada nas suas águas.²²

No entanto, ironicamente, mesmo que os estudos etnográficos e as análises de cruzamentos culturais tenham se mostrado promissores em abrir novas possibilidades de compreensão, sobretudo em relação à sexualidade e ao HIV/AIDS, essas abordagens têm recebido, relativamente, pouca atenção ou apoio como parte de uma resposta de pesquisa institucionalizada e mais ampla à pandemia internacional da AIDS. A agenda de pesquisa internacional, mesmo nas Ciências Sociais, continua a ser determinada em grande parte pelos interesses epidemiológicos, e as intuições potenciais de outras abordagens, baseadas em fundamentos teóricos diferentes, têm sido quase que totalmente ignoradas. E, assim como as instituições biomédicas tradicionais continuam a definir os tipos de abordagem que vão dominar a agenda de pesquisa sobre a sexualidade, a relação complexa entre conhecimento e poder na área da AIDS tem sido ainda mais problemática no âmbito de uma estrutura internacional.

Atualmente já não há dúvida de que os recursos disponíveis para a pesquisa sobre o HIV/AIDS nos países em desenvolvimento representam apenas uma fração dos recursos disponíveis para esse trabalho no Ocidente industrializado,²³ e isto evidentemente é ainda mais verdadeiro com respeito à pesquisa social e comportamental, em particular. As prioridades sempre mutáveis, às vezes contraditórias, a respeito do que são considerados tópicos relevantes de pesquisa, parecem ser especialmente acentuadas na definição de uma agenda internacional de pesquisa sobre a sexualidade e o comportamento sexual. Apesar da evidente importância não só epidemiológica como também preventiva de uma compreensão mais ampla sobre o comportamento sexual em algumas regiões do mundo subdesenvolvido (de novo, desta vez em termos geográficos, “lugares quentes” epidemiológicos como a África Central, por exemplo), uma enorme gama de fatores — que variam desde a falta de capacidade local para realizar a pesquisa a reservas morais e políticas por parte das autoridades locais, até a falta de apoio financeiro — têm se combinado para

21. Ver, por exemplo, B. A. Misztal e D. Moss, eds., *Action on AIDS: National Policies in Comparative Perspective*, Nova Iorque, Greenwood Press, 1990.

22. Ver G. Herdt, “Introduction”, in G. Herdt e S. Lindenbaum, eds., *The Time of...*, *op. cit.*; G. Herdt, W. L. Leap e M. Sovine, “Introduction: Anthropology...”, *op. cit.*

23. Ver J. M. Mann, D. J. M. Tarantola e T. W. Netter, orgs., *A AIDS no Mundo...*, *op. cit.*

restringir a pesquisa mais significativa sobre comportamento sexual, basicamente, aos países desenvolvidos. Embora várias iniciativas tenham sido tomadas para se contrapor a essa situação (como a pesquisa sobre comportamento sexual financiada pelo IDRC, alguns dos trabalhos iniciados pela OMS/PGA, pelo AIDSCOM, AIDSTECH, AIDSCAP, e assim por diante), diversas circunstâncias e mudanças rápidas de política e pessoal têm contribuído para que relativamente muito pouco tenha sido, na verdade, realizado. E mesmo nos lugares onde o trabalho foi iniciado, a tendência mais freqüente é simplesmente aplicar as metodologias dominantes de pesquisa, desenvolvidas para o estudo do comportamento sexual nos ambientes sociais — bem distintos — de muitas nações desenvolvidas. Embora a aplicação de métodos de levantamento tenha se mostrado freqüentemente problemática, bem como de implementação dispendiosa e lenta, têm-se feito poucas tentativas de reagir a essas limitações com inovações metodológicas, desenvolvendo metodologias e agendas de pesquisa mais adequadas às condições reais da pesquisa e às prioridades que de fato existem no plano global.

Conclusão

É extraordinário, portanto, que convivendo há mais de dez anos com uma epidemia em rápida expansão, transmitida acima de tudo pelo contato sexual, ainda não tenhamos conseguido desenvolver as ferramentas teóricas e metodológicas que poderiam propiciar uma compreensão mais profunda da sexualidade em relação à AIDS e também a outros aspectos da saúde. Na verdade, temos sido incapazes de formular e articular uma visão coerente das necessidades da pesquisa sobre comportamento sexual que devem ser enfrentadas em âmbito global, assim como não temos conseguido criar mecanismos concretos para uma interação mais efetiva de pesquisadores da sexualidade, formuladores de políticas e órgãos financiadores, visando definir as prioridades de pesquisa atuais. Conseqüentemente, apesar de terem sido realizadas muitas pesquisas sobre comportamento sexual nos últimos anos, a produção de resultados concretos que contribuam para uma resposta mais eficaz ao HIV/AIDS e a outras preocupações correlatas, com relação à saúde, tem sido de fato relativamente limitada.

Finalmente, gostaria de sugerir que somente mudando, ainda que superficialmente, a estrutura de referência — focalizando não apenas o comportamento sexual, mas as complicadas nuances dos significados sexuais — é que podemos ter a esperança de começar a superar as limitações de muitos dos

trabalhos que foram realizados até o momento. Devemos começar a compreender que as questões mais fundamentais a serem respondidas estão, na verdade, relacionadas aos significados subjetivos e intersubjetivos, e que elas não aparecem em uma estrutura naturalista, mas a partir de um enfoque sobre a construção social da realidade humana. Dessa perspectiva, a pesquisa sobre a sexualidade (independentemente do HIV/AIDS ou mesmo em relação a essa epidemia) deve ser necessariamente compreendida como algo mais do que um simples exercício de contar atos sexuais. Pelo contrário, somente focalizando as dimensões políticas, econômicas, culturais e sociais mais amplas da experiência sexual é que poderemos começar a construir uma compreensão que possa fundamentar os tipos de políticas e práticas que, em última análise, nos capacitarão a reagir à disseminação da AIDS.

Quando inventariamos o que foi realizado durante a década passada, e começamos a pensar no que esperamos concretizar no futuro, não resta a menor dúvida sobre a importância de enfrentar essas questões tão concreta e rapidamente quanto possível. Infelizmente, o que fica bastante claro é que, depois de mais de uma década de convivência com a AIDS e de pesquisas sobre ela, resta a triste constatação de que a epidemia está vencendo. Há muito a ser feito, se esperamos poder enfrentá-la.

RESUMO

A Construção Social e Cultural do Risco Sexual, ou Como Fazer Pesquisa (em Sexualidade) em uma Epidemia

Esse ensaio examina o desenvolvimento das pesquisas sobre sexualidade à luz da epidemia do HIV/AIDS. Ele sugere que, embora a AIDS tenha chamado atenção para a negligência histórica em relação às pesquisas sobre sexualidade e tornado disponíveis maiores recursos para o apoio às atividades de pesquisa direcionadas à sexualidade, a maioria do trabalho realizado em resposta à AIDS tem, entretanto, sido limitado por paradigmas teóricos e metodológicos antiquados, assim como pela ausência de uma agenda de pesquisas clara e coerente. Especialmente dentro do campo da Saúde Pública, os modelos biomédicos e as preocupações epidemiológicas têm estabelecido o tipo de atividades de pesquisa, mas falhado em fornecer dados e análises capazes de contribuir efetivamente para a prevenção da AIDS. Como alternativa às estruturas teóricas tradicionais, o artigo chama atenção para um foco emergente sobre a construção social e cultural da experiência sexual, e indica a importância do desenvolvimento de uma nova agenda de pesquisa para o estudo da sexualidade que terá mais

capacidade de se dedicar ao contexto intersubjetivo da educação sobre e da prevenção contra a AIDS.

ABSTRACT

The Social and Cultural Construction of Sexual Risk, or How to Have (Sex) Research in an Epidemic

This essay examines the development of research on sexuality in the wake of the HIV/AIDS epidemic. It suggests that although AIDS called attention to the historic neglect of sexuality research, and made available expanded resources for the support of research activities focusing on sexuality, the majority of the work carried out in response to AIDS, has nonetheless been limited by inadequate and outmoded theoretical and methodological paradigms as well as by the lack of a clear and coherent research agenda. Particularly within the field of public health, biomedical models and epidemiological concerns have guided the design of research activities, but have failed to provide data and analyses capable of contributing effectively to AIDS prevention. As an alternative to traditional theoretical frameworks, the article calls attention to an emerging focus on the social and cultural construction of sexual experience, and points to the importance of developing a new research agenda for the study of sexuality that will be better able to address the intersubjective context of AIDS education and prevention.

RÉSUMÉ

La Construction Sociale et Culturelle du Risque Sexuel, ou Comment Faire de la Recherche (en Sexualité) dans une Épidémie

Cet essai examine le développement des recherches sur la sexualité par rapport à l'épidémie de HIV/SIDA. Il estime que, bien que le SIDA ait attiré l'attention sur la négligence historique en ce qui concerne les recherches sur la sexualité et ait apporté plus de ressources pour l'appui aux activités de recherche liées à la sexualité, la majorité du travail réalisé en réponse au SIDA est, cependant, limité par des paradigmes théoriques et méthodologiques dépassés ainsi que par l'absence d'un programme de recherche clair et cohérent. Dans le domaine de la santé publique, les modèles biomédicaux et les préoccupations épidémiologiques déterminent le type d'activités de recherche, mais ne donnent pas assez d'éléments et d'analyses capables de vraiment contribuer à la prévention du

SIDA. Comme une option aux structures théoriques traditionnelles, l'article attire l'attention sur un aspect important de la construction sociale et culturelle de l'expérience sexuelle et montre l'importance d'un nouveau programme de recherche pour l'étude de la sexualité qui sera plus capable de se vouer au contexte intersubjectif de l'éducation sur le SIDA et sa prévention.